

## Projeto Criativo Erasmus+

# **“Tempestade”**

Martim Arnaut, Vídeo 22

## Introdução

O presente projeto constitui uma parábola que serve como reflexão e interpretação metafórica da experiência de participação no programa *ERASMUS+*. O texto é uma continuação do conto «*A História De Uma Pequena Criatura*», escrito no âmbito de um projeto criativo para a candidatura a este programa.

A narrativa assenta num conjunto de imagens e personagens inspirados em diferentes pessoas e acontecimentos da minha estadia de três meses em Espanha. Através deles exprimem-se as impressões, vivências e reflexões surgidas ao longo da viagem.

Importa sublinhar que todas as personagens e acontecimentos são ficcionais, não possuindo qualquer correspondência direta com pessoas ou circunstâncias reais.

# Conteúdo

**Introdução.....2**

**Capítulo 1.....4**

**Capítulo 2.....5**

**Capítulo 3.....6**

**Capítulo 4.....7**

**Capítulo 5.....8**

# Capítulo 1

## Depois da Tempestade

Sobre o cais pairava um ar pesado, salgado e misturado a cheiro de gasóleo. Pela praia estavam espalhadas redes de pesca com algas e lixo, barcos inclinados sobre a areia ou até meio submersos. Marinheiros consertavam motores junto a caixotes partidos e cabos rebentados, mulheres limpavam janelas com trapos, rapazes afastavam árvores caídas e retiravam barris arrastados pelo mar, enquanto os mais pequenos, de botas de borracha, chapinhavam nas poças, fascinados com os restos que o oceano devolvera.

A «Criatura» estava de pé junto a um baixo rebocador a vapor e fitava o céu nublado. Na noite anterior, um marinheiro envelhecido, amigo do seu Criador, conduziu o navio através da tempestade e, por acaso, levava-os até uma pequena cidade costeira grega, a meio caminho de Atenas.

— Dizem que o mar voltará a erguer-se ao cair da noite — disse o marinheiro, olhando o céu cinzento. A sua voz era grave e rouca, como se estivesse impregnada de sal e tabaco. — É melhor procurares abrigo em terra. Depois, segue de comboio para a capital. Será mais seguro.

Calou-se por um instante, passando a mão pelo casco do rebocador como quem acaricia as costas de um velho companheiro, e suspirou pesadamente.

— Foi um milagre termos conseguido arrancar esta embarcação à tempestade. Mas olha... — apontou para o convés fendido e os corrimões torcidos. — O navio quase resistiu inteiro, mas precisa de reparos. Eu vou ter de ficar por aqui até o porém de novo a andar. Tu, criança, tens o teu próprio caminho.

Despediu-se do amigo do Criador e avançou pelas ruelas estreitas da vila piscatória, até parar diante de uma pequena casa com uma tabuleta descascada: «Estalagem». A porta rangente abriu-se para um átrio apertado, onde atrás do balcão estava um homem de trinta anos com um boné gasto e desbotado.

— Em que posso ajudar? — perguntou ele, sorrindo com cansaço, mas de forma acolhedora. — Preciso de um quarto para esta noite — respondeu a Criatura.

— Claro — o homem pegou num livro de registos e começou a escrever. — De onde veio? Não me parece que seja daqui.

— De Roma. Amanhã sigo para Atenas, de comboio — disse a Criança em voz baixa.

O homem abanou a cabeça:

— Receio que amanhã não seja possível. Depois da tempestade de ontem, a linha ferroviária ficou danificada. E hoje, dizem, o mar voltará a agitar-se. Penso que terá de ficar mais algum tempo.

— Quantas noites recomenda, então? — perguntou a Criatura.

— Duas deverão bastar, se houver sorte — entregou-lhe a chave e acrescentou: — Mas não está sozinha. Ontem chegou outra rapariga, mais ou menos da sua idade. Terá companhia. A estalagem pode ser velha, mas é acolhedora. Mais tarde trago-lhe o jantar.

A Criança subiu pela escada rangente. No fim do corredor estreito reparou numa jovem de cabelos ruivos e olhos verdes intensos, com cerca de vinte anos. Os seus olhares cruzaram-se por um segundo, mas nenhuma disse palavra. Cada uma desapareceu para trás da porta do seu quarto.

## Capítulo 2

### Jantar

Lá fora a chuva batia com força, e o vento investia contra os vidros com um rugido contínuo. No canto, sobre a mesa de cabeceira, tremia uma vela, enquanto no tampo da secretária, diante da cama, uma lâmpada lançava uma luz baça sobre o guarda-roupa de madeira e a grande janela que dava para uma pequena varanda. Para além dela, não se via nada senão a escuridão cerrada.

O quarto parecia antigo e gasto: pó, soalho rangente, papel de parede escurecido pelo tempo. Sentada numa cadeira instável, a «Criatura» folheava um livro de história da arte da biblioteca do seu pai. Na beira da mesa repousava a bandeja com os restos do jantar que o dono da estalagem trouxera momentos antes.

Terminada a leitura de um capítulo sobre o Renascimento Italiano, a Criança desceu com a bandeja. Na sala de jantar, junto à porta que levava à cozinha, estava o estalajadeiro, com um cachimbo entre os dedos.

— Não precisava de se incomodar, eu teria subido — disse ele, sorrindo com um cansaço afável.

— Não tem importância. Imagino que tenha muito trabalho — respondeu a Criatura.  
— Trabalho? — riu-se, abrindo as mãos. — Tenho apenas três hóspedes. A casa é velha, mas obediente. Um pouco de cozinha, um pouco de limpeza — e tudo se mantém. Em troca, silêncio. Nas grandes cidades só se pode sonhar com isso.

— Então não é daqui?

— Não, sou de Amesterdão. O meu irmão mais velho comprou esta casa há uns dez anos e disse-me: «Queres? Experimenta fazer dela uma estalagem». Ele tem uma dezena de casas destas. E eu, nessa altura... — o olhar dele fixou-se numa parede vazia, como se imaginasse ali pendurado um quadro. — Queria ser pintor. Ainda hoje penso, às vezes: acabo com as obrigações e volto a pegar nos pincéis. Quem sabe ainda dê em alguma coisa.

— Eu também desenho um pouco — disse a Criança, com hesitação. — Mas não trouxe materiais comigo.

— Então tem de tentar. Tenho tintas e um cavalete a ganhar pó na arrecadação. Talvez lhe sirvam melhor do que a mim — disse ele, com um leve sorriso de encorajamento.

Agradecendo pelo jantar, a Criança subiu ao quarto. Estava escuro e quieto, só a tempestade rugia para lá da janela. Sentou-se na cama, escutando o vento, e teve a sensação de que o tempo se imobilizara. O dia passara como por entre um nevoeiro. A viagem para Atenas parecia agora outra, mas restava apenas esperar.

## Capítulo 3

### Manhã

A manhã nasceu límpida e fresca. A tempestade cessara, e a vila mergulhara num silêncio apenas interrompido, de vez em quando, pelo grito das gaivotas. Descendo as escadas, a «Criatura» ouviu, vindo da sala de estar, a voz rouca de um gramofone.

Entreabrindo a porta, viu um homem de cerca de quarenta anos sentado numa poltrona junto à janela, com uma chávena de café na mão. Ele ergueu os olhos e falou de imediato:

— Bom dia.

— Bom dia — respondeu a Criatura, ligeiramente embaraçada.

— Está cá desde ontem?

— Sim. Vim de Roma, a caminho de Atenas. Mas a tempestade atrasou-me.

— Compreendo. Eu próprio já estou aqui há uma semana. — Sorriu de leve e bebeu um gole de café.

— Uma semana? — surpreendeu-se a Criatura. — E o que faz aqui?

Ele encolheu os ombros.

— Nada de especial. Escolhi este lugar ao acaso e vim. Na Noruega só me resta a minha mãe, e fora isso não tenho nada para fazer lá... por isso ando por aí.

— E trabalho? — perguntou ela, com cautela.

— Não tenho — respondeu ele serenamente. — Fui farmacêutico, mas desisti. O tédio era insuportável. Vivo das poupanças, enquanto durarem. Quando acabarem... volto para casa.

Por um instante, apenas a música preencheu o quarto.

— E você? — perguntou ele então, voltando-se para ela.

— Por agora, só viajo. Para ser sincera, ainda não sei bem o que quero fazer.

Ele fixou-lhe o rosto por um momento e esboçou um leve sorriso:

— Então temos isso em comum. Só que eu já tenho quarenta anos... e continuo sem saber.

## **Capítulo 4**

### **O Jardim**

Com o papel que encontrara na arrecadação, a «Criatura» passou o dia a fazer pequenos esboços, mas nenhum deles se deixava transformar em quadro. A conversa com o hóspede de quarenta anos não lhe saía da cabeça: as palavras dele tinham ficado como um peso, e a viagem até Atenas começava a parecer-lhe vazia. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu saudades de casa.

Ao entardecer, a luz no quarto esmoreceu. Pela janela, o sol descia devagar, e a vila, imobilizada no seu silêncio, pareceu-lhe de repente estranhamente bela.

A Criança desceu e saiu para o pátio. O jardim estava densamente coberto de flores, o ar impregnado do cheiro de terra húmida. No alpendre, meio mergulhada na penumbra, estava sentada uma rapariga — o cabelo ruivo cintilava como cobre, e os olhos verdes brilhavam com o lume do cigarro.

Os olhares cruzaram-se. O silêncio durou alguns segundos, até que a rapariga disse:

— Vi-te nos jornais. Tu és aquela... invenção do italiano, não és?

A Criatura acenou com a cabeça.

— Desconfiei logo ontem. Estranho encontrar-te aqui, neste fim de mundo. — Sacudiu a cinza e recostou-se na cadeira. — Então? Não fiques aí parada. Senta-te.

A Criança sentou-se ao lado. A rapariga estendeu-lhe o maço:

— Queres?

A Criatura pegou num cigarro. Fumaram em silêncio, ouvindo apenas os pássaros e passos distantes na rua.

— O dono da pensão disse-me que também ficaste presa por causa da tempestade — começou a «Criatura.

— Pois. Amanhã vou-me embora — respondeu ela, curta.

— Para onde?

— Estudar. — Encolheu os ombros. — Aqui não tenho nada que fazer.

Seguiu-se uma pausa.

— E tu? Que planos tens? — perguntou, olhando-a através do fumo.

— Para Atenas. Depois... logo se vê.

A rapariga sorriu de lado, apagou o cigarro no cinzeiro.

— Logo se vê...Toda a gente anda sempre à espera de qualquer coisa. Pensam que, de um momento para o outro, vai acontecer. Mas a vida passa. — Levantou-se da cadeira. — Vá. Amanhã tenho de me levantar cedo.

A «Criatura» acenou, mas, hesitando por um instante, acabou por dizer: — Às vezes assusta tornar-se alguém que não sabe o que quer. Ou que sabe..., mas não faz nada com isso. Parece que caminhas — mas, na verdade, ficas no mesmo lugar.

A rapariga voltou-se ainda à porta, lançou-lhe um olhar direto e, inesperadamente suave, disse: — Acho que o importante é não ficar parado. Mesmo que haja dúvidas.

Deu um passo para dentro, mas deteve-se e acrescentou:

— Amanhã de manhã vamos à praia. A costa aqui é bonita.

E desapareceu na escuridão do corredor. No alpendre ficou apenas a «Criatura» — entre o ar que arrefecia, o cheiro salgado e os sons a morrer do jardim.

## Capítulo 5

### O Quadro

A manhã a «Criatura» passou-a na praia com a rapariga de olhos verdes. A água estava quente, transparente, com reflexos de azul profundo. Sentaram-se na areia, falaram pouco, e nas raras palavras adivinhava-se já o sabor discreto da despedida.

Depois do almoço, a rapariga partiu no navio. A «Criatura» regressou à pensão e subiu pela escada rangente. No corredor, a porta do quarto dela permanecia escancarada — já não havia ninguém. Também no outro quarto, onde ficara o hóspede de quarenta anos, reinava agora o vazio.

O dia inteiro a casa permaneceu em silêncio, sem sinal do dono.

Ao entardecer, a Criança deixou a chave sobre o balcão e saiu. Ao pôr do sol, quando embarcou no comboio para Atenas, lançou um último olhar à pensão. Na sala de jantar, onde antes a parede estava nua, pendia agora um quadro: uma tempestade marítima, escura, na qual um farol ardia a ouro.

FIM.